



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM EJA: COMO FALAM OS ALUNOS DE PERNAMBUCO?

Edmilson José de Sá
Centro de Ensino Superior de Arcoverde
Centro de Educação de Jovens e Adultos Cícero Franklin Cordeiro

edjm70@gmail.com

Resumo

Este artigo versa sobre aspectos da fala registrados por alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Pernambuco, usando, para esse fim, alguns aspectos documentados no Atlas Linguístico do estado, cujo *corpus* foi construído usando, em grande parte, alunos da referida modalidade. Preferimos, então, selecionar alguns fenômenos fonéticos registrados na pronúncia dos alunos que responderam oralmente ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) tais como a redução das proparoxítonas: pólv[or]a – p[olv]a, o apagamento do /n/ no grupo /ndo/: ferve[nd]o – ferve[n]o e casos de metátese: v[idr]o – v[rid]o. Para a ocasião, serão analisados os fenômenos fonéticos coletados a partir da fala de estudantes da primeira faixa etária dos municípios de Santa Maria da Boa Vista (Ponto 03), Salgueiro (Ponto 05), Floresta (Ponto 06), Garanhuns (Ponto 14), São Bento do Una (Ponto 15), Taquaritinga do Norte (Ponto 16), Palmares (Ponto 18), Limoeiro (Ponto 19) e Recife (Ponto 20). Espera-se que este estudo possa trazer à tona algumas reflexões sobre o ensino da língua materna na Educação de Jovens e Adultos e a variação linguística que os falantes dessa modalidade costumam expressar em sua comunicação.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Ensino de Língua Portuguesa, Pernambuco, Variação Linguística.

INTRODUÇÃO

Muitos estudos têm discutido a situação do ensino dentro da modalidade ‘Educação de Jovens e Adultos’ (EJA), envolvendo todo o seu rol de disciplinas e níveis de escolaridade. Contudo, o ensino de Língua Portuguesa e de Matemática está cada vez mais presente na mesa dos pesquisadores, fazendo, de suas reflexões, momentos a mais para compartilhar experiências em benefício da educação.

No caso da Língua Portuguesa, especificamente, o professor tem se deparado com formas peculiares e estereotipadas da fala do aluno de EJA, provenientes de sua própria realidade social, daí o fato de serem reconhecidas tanto pelo status de variações linguísticas de ordem regional, quanto social.

Isso parece ser um reflexo decorrente da insistência dos professores da área em analisar as deficiências dos alunos da leitura e na escrita, sem, ao menos, estabelecer objetivos claros para a organização de objetivos de trabalho. Logo, é conveniente fazer com que o aluno se insira socialmente como a própria formação preconiza, mas também o faça compreender que um jeito diferente de se comunicar pode não ser uma situação de agramaticalidade, mas de uma variedade que a própria evolução da língua já se encarregou de modificar.

Assim, pretende-se neste trabalho fazer um retrospecto do ensino de Língua Portuguesa em EJA, apresentando algumas das variantes fonéticas que são comuns na fala do aluno dessa modalidade, no caso, morador do Estado de Pernambuco, e que merecem não apenas ser registradas e discutidas à luz de distintas ciências da linguagem e da educação, mas, antes de tudo, ser respeitadas.

1 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A educação no Brasil possui modalidades garantidas a estudantes a partir dos primeiros anos de vida e segundo a *Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96*, há os seguintes níveis de escolaridade: ensinos fundamental, médio e superior. Além disso, perpassa por esses níveis a *Educação de Jovens e Adultos (EJA)*.

Anteriormente chamavam a modalidade de ‘supletivo’, com o intuito de compensar o ensino regular não concluído em tempo hábil. Contudo, uma reforma na nomenclatura foi feita de modo a tornar a modalidade não como suplemento, mas como algo fundamental, intrínseco tanto a jovens quanto a adultos.

Concernente ao ensino de Língua Portuguesa, acredita-se na necessidade de o Jovem e o Adulto aplicarem a linguagem como ação e interação entre si. Desse modo, o trabalho em sala de aula converge mais para o caráter prescritivo e normativo da gramática do que para a descrição linguística. Assim, a questão da variação linguística parece ser preterida pelos professores. Isso tem preocupado os educadores uma vez que:

[...] a maioria dos alunos de EJA pertence a segmentos populares cuja fala não coincide com a imagem idealizada da língua única descrita nas gramáticas. Na realidade, o Curso de Língua Portuguesa deve privilegiar questões mais pertinentes ou essenciais da linguagem, fundamentais para o bom desempenho do aluno principalmente nas práticas de leitura e produção de textos. (PC- EF, 2002, p. 68)

No caso das *Orientações Metodológicas para o Ensino de Língua Portuguesa* em Pernambuco, no primeiro segmento de EJA, correspondendo ao 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, é notória a preocupação com a variação da língua, comumente associada às questões de preconceito. Para tanto, é necessário:

[...]expandir o uso da linguagem já usada em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos – tanto orais como escritos – coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem, às situações comunicativas e aos assuntos tratados, utilizando-se de e respeitando as diferentes variedades linguísticas. (OMELP – EJA, 2011, p. 11)

Já no caso no segundo segmento, em que os alunos amalgamam 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, a questão cultural parece ser o maior objetivo para o ensino de Língua Portuguesa, quando afirmam ser indispensável:

[...]valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar sentimentos, experiências, ideias e opiniões, fatos, histórias etc., bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário. (OMELP – EJA, *op cit*, p. 18)



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Diante do exposto, convém mencionar a necessidade de mudar mentalidades, abrir novos horizontes, saber respeitar a diversidade cultural e isso deve ser, antes de tudo, papel da escola, já que “a escola não consegue produzir sozinha a igualdade, quando a sociedade é desigual” (BITTENCOURT, 2003, p. 10). Com isso, os professores precisam estar prontos para aceitar as variedades linguísticas que o aluno reconhece e emprega, por estarem ligadas à sua realidade sociorregional e contextual, motivo pelo qual o preconceito linguístico abrolha e tem se mantido nas escolas, conduzindo os alunos a também se perceberem diminuídos tanto em termos sociais quanto pessoais por conta de sua maneira de se comunicar.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Grande parte dos questionamentos feitos por professores tem sido relacionada ao fato de seus alunos não sentirem segurança para se comunicar oralmente e por escrito em sua língua materna. Diante disso, até o momento, não se tem chegado a um consenso nas inúmeras reuniões escolares e nas pesquisas de estudiosos no assunto para apontar as causas do dito ‘fracasso’ escolar, nem sugerir propostas para tentar minimizar os efeitos que isso pode acarretar.

Há quem justifique isso pela questão do dom ou por falhas culturais. Enquanto no primeiro caso, o fracasso estaria ligado à aptidão do aluno, no segundo caso, as desigualdades sociais contribuíram para o insucesso em sala de aula.

No caso da língua portuguesa, o excesso de normas gramaticais ensinado na escola tem causado certo trauma no aluno, que passa a ter aversão ao ensino de sua língua materna, a ponto de considerá-la uma língua estrangeira.

Diante disso, Soares (1992, p. 49) lembra da questão bidialetal, a partir da qual a escola deve considerar não apenas o culto, mas o inculto, que acaba sendo o padrão disponível na comunidade do aluno, de modo que urge a necessidade de considerar a variação sociocultural, tornando, assim, a escola como meio transformador desse indivíduo. Nesse caso, a autora justifica que:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

[...]uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhe permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social. (SOARES, 1992, p.73).

Se é a variação que constitui a fala dos alunos, talvez seja propício que a escola não exima de valorizar também a variação que eles possuem, sem conceituá-las como erradas, mas que apresentam diferenças que, em nada, obstam o significado. E isso pode ocorrer, sobretudo no âmbito fonético não apenas nos níveis da educação básica e obrigatória legalizada pela LDB 9394/96, mas também na modalidade assegurada a jovens e adultos, com características adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola, como a própria lei também apregoa.

3 VARIAÇÃO FONÉTICA NA EJA EM PERNAMBUCO

Para verificar na prática como ocorre a variação na língua portuguesa falada por estudantes de EJA em Pernambuco, optou-se por usar parte do *corpus* do Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE (SÁ, 2013). Esse atlas consiste num documento que descreve variantes linguísticas, inserindo-as no mapa do Estado, como é comum em trabalhos que seguem a perspectiva da Dialetologia, ao usufruírem do método cartográfico da Geografia Linguística ou Geolinguística (CARDOSO, 2010).

O método foi aplicado na coleta de dados para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), recém-publicado e em outros trabalhos de mesma natureza. Para tanto, foram aplicadas questões de cunhos fonético-fonológico, lexical e morfossintático a pessoas de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos com escolaridade inferior ao quinto ano do ensino fundamental e de ensino superior na capital do estado.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os inquéritos em Pernambuco duraram quase três anos e a escolha dos informantes não foi nada fácil, dado o perfil a ser seguido. A chegada aos municípios geralmente pela manhã já suscitava algumas dificuldades de encontrar o informante ideal e de que ele dispusesse de tempo para responder o inquérito de quase duas horas por conta de suas obrigações diárias. A solução era recorrer a alunos das Escolas com Educação de Jovens e Adultos (EJA). Quando se tinha acesso aos dados desses alunos durante o dia, recorria-se a seu endereço e, em sendo possível, realizava-se o inquérito.

Em ocasiões nas quais não se chegava a um acordo, era preciso voltar à escola à noite, período em que os alunos de EJA estudam, o que constitui uma situação comum em muitas das cidades, porém o curto período de ensino noturno, com menos de quatro horas, não era suficiente para a realização de mais de um inquérito.

Abrindo a condição para analisar a variação sob a influência diastrática, a escolha por investigar alunos de EJA também se tornou favorável.

Para análise em tela, escolheram-se informantes da primeira faixa etária de nove dos vinte municípios investigados, por serem justamente os pontos onde alunos de EJA foram inquiridos. O quadro abaixo apresenta os pontos de inquérito do ALiPE e, em negrito, os pontos usados para a análise proposta neste artigo.

Ponto	Descrição	Ponto	Descrição	Ponto	Descrição
01	Afrânio	08	Serra Talhada	15	São Bento do Una
02	Petrolina	09	Custódia	16	Taquaritinga do Norte
03	Santa Maria da Boa Vista	10	São José do Egito	17	Caruaru
04	Ouricuri	11	Tupanatinga	18	Palmares
05	Salgueiro	12	Arcoverde	19	Limoeiro
06	Floresta	13	Águas Belas	20	Recife
07	Tacaratu	14	Garanhuns		

Quadro 1: Pontos do Inquérito do ALiPE

O Atlas Linguístico de Pernambuco teve 105 cartas linguísticas, das quais 50 foram de natureza fonética, 47 foram do nível semântico-lexical e 8 com os fenômenos



morfossintáticos mais relevantes no Estado. Por ora, far-se-á um apanhado dos fenômenos fonéticos mais importantes proferidos pelos alunos de EJA na pesquisa.

4 O ALUNO DE EJA EM PERNAMBUCO E A VARIAÇÃO FONÉTICA

Para se ter uma ideia do que o falante pernambucano, aluno de EJA, pronuncia durante os atos de fala, escolheram-se alguns dos principais fenômenos fonéticos que as respostas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) permitiram registrar.

Vale salientar, ainda, a preocupação que o professor de língua portuguesa deve ter para com seus alunos durante a realização de fenômenos considerados como pertencentes à linguagem regional/popular/estigmatizada, de modo a mostrar que sua fala pode ser aceita no mesmo patamar que as normas prescritas pela escola.

4.1 ASPECTOS VOCÁLICOS

O falar pernambucano tende a ser comumente imitado, fato que também ocorre com outros falares do Nordeste, principalmente por conta de sua pronúncia tida como arrastada, proveniente da abertura das vogais médias.

Ao detectar a variação da vogal pretônica /e/, por exemplo, os alunos de EJA apenas contribuem com o que tem se mostrado categórico nas pesquisas sobre tal fenômeno. Percebeu-se um percentual maior para o alteamento da vogal /e/, já que essa era seguida da consoante /s/ em coda, como em tes[ou]ra – tes[o]ra, enquanto a manutenção da vogal fechada foi menos relevante, ocorrendo em pontos isolados. Também foi verificada a monotongação dos ditongos decrescentes: b[ai]xa – b[a]xa.

No caso da pretônica na palavra ‘umbigo’, foi detectada uma variação entre as vogais /i/ e /u/, com percentual maior para vogal anterior. Além disso, verificou-se a palatalização do glide em ditongos decrescentes seguidos de hiatos: te[i]a – te[lh]a, o alongamento da vogal tônica: gi[z] – gi[:z], a desnasalização do ditongo final –em: hom[em] – hom[i] e uma ditongação diante de /s/: trê[s] – trê[is].

4.2 ASPECTOS CONSONANTAIS

No caso das consoantes, registrou-se um comportamento bastante variável da fricativa /s/, com destaque para a palatalização e até o apagamento quando posicionado em coda final: doi[s] – doi[x]; doi[ø]. Também foi percebida a glotalização da mesma consoante como em me[s]mo – me[h]mo.

Algo já quase categórico no português brasileiro também se conservou em evidência no falar pernambucano. Trata-se do processo de assimilação por que passa o /n/ no grupo /ndo/, omitindo a consoante dental, a exemplo do que ocorreu em ferve[nd]o – ferve[n]o.

A consoante /r/ também se manteve variável em posição pretônica, como ocorreu na variante de go[r]dura. Também foram encontrados exemplos da consoante aspirada go[h]dura ou sob a forma de tepe go[r]dura.

4.3 OUTROS FENÔMENOS

Na pesquisa, também foram evidentes aspectos bastante consideráveis, embora já percebidos em outros trabalhos de mesma natureza, mas que ainda pertencem a um nível de variação estigmatizado, conservador e foram analisados na fala dos estudantes de EJA investigados para o ALiPE.

- a) Redução das proparoxítonas: pólv[or]a – p[olv]a
- b) Casos de metátese: v[idr]o – v[rid]o
- c) Ausência da vogal inicial: [a]ftosa – [ø]ftosa
- d) Iotização da palatal: ve[lh]o – ve[i]o
- e) Troca de v por b: [v]assoura – [b]assoura
- f) Abertura da vogal média /e/: f[e]che – f[é]che
- g) Rotacismo em onset complexo formado de consoante + /l/: p[l]anta – p[r]anta



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao se deparar com esses fenômenos, cabe, pois, ao professor construir novas metodologias para mostrar a seu aluno que se trata de uma variação na fala, distinta da norma culta, pois se tratam de formas familiares, relaxadas ou apenas adaptações fonéticas, associadas à facilidade de articulação, que muitos costumam caracterizar como a ‘lei do menor esforço’, mantendo, assim, a preservação da língua e não a sua arcaização.

Concorda-se com Whitney (1875, p. 27)¹, quando ele se refere à evolução da língua afirmando que:

Toda língua viva está em via de formação e de mudanças continuadas. Em qualquer lugar do mundo, se encontramos ao lado da língua em uso monumentos da mesma língua que remontam a uma época anterior, as diferenças entre o idioma atual e o idioma passado serão sempre maiores se esses monumentos forem mais antigos.

Diante do exposto, é fácil perceber a facilidade que o falante tem no exercício de sua língua em prol de aperfeiçoamento do seu próprio método de comunicação. O requinte linguístico surge das formas abstratas e simples e que se distinguem por serem mais inibidoras. Essa tendência linguística seguramente sempre existiu. Obviamente isso seja visto em sociedades isoladas e a evolução da língua, apesar de facilmente percebida, ocorre bem mais lentamente.

CONCLUSÃO

O preconceito linguístico de que tanto se fala nos trabalhos acadêmicos e se encontra cada vez mais presente nas páginas de manuais de linguística, sobretudo de

¹ Toute langue vivante est en voie de formation et de changement continuel. En quelque lieu du monde que nous allions, si nous trouvons à côté de la langue en usage des monuments de la même langue remontant à une époque antérieure, les différences entre l’idiome actuel et l’idiome passé seront d’autant plus grandes que ses monuments seront plus anciens.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sociolinguística, é oriundo da supervalorização da norma culta, exigida pelas classes sociais e culturais mais elevadas em todas as regiões brasileiras.

É notória a necessidade de o professor de língua portuguesa identificar no seu aluno as variedades geográficas e sociais que ele mantém em sua fala espontânea, amalgamando-as ao registro culto da língua que constitui uma das tarefas da escola, afinal os próprios PCNS-Língua Portuguesa (1997, p. 26) afirmam que “para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar [...] além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico”.

Na pesquisa realizada em Pernambuco com alunos de EJA, percebeu-se o quão variável é o jeito que eles falam, embora ainda seja necessário refletir sobre o fato de que tal variação indica um jeito diferente de falar, mas que se trata da mesma língua, não de forma errada de usá-la. É, pois, algo que ocorre desde a aquisição da língua, durante a qual o que não pertence à norma é errado.

O professor precisa ter mente e, obviamente, transmitir a seus alunos que o português brasileiro não possui uma feição única, mas sim é uma entidade heteróclita, ou seja, há vários “portugueses brasileiros”, com bem afirmou Módolo (2004, p. 186).

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Agueda B. “Como será a educação da próxima geração.”. **Folha de São Paulo**, 26 de julho de 2003, p. 10.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução. Secretaria de Educação Fundamental, 2002



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília, 1997.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96.** Brasília, 1996.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola, 2010.

MÓDOLO, M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula - Resenha Crítica. **Revista Linha D'Água.** Capa > nº 17, São Paulo, 2004.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. **Parâmetros para a educação básica do Estado de Pernambuco: Língua Portuguesa, ensino fundamental e médio.** Recife, 2013.

_____. **Orientações teórico-metodológicas para o ensino fundamental - Educação de Jovens e Adultos - Linguagens.** Recife, 2012.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas linguístico de Pernambuco.** Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. João Pessoa, 2013.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola.** 9ª edição. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Orientações teórico-metodológicas para o ensino fundamental - Educação de Jovens e Adultos - Linguagens.** Recife, 2012.

WHITNEY, William Dwight. **La vie du langage.** Paris: Germer Baillière, 1875.